Histeria e anorexia: dois discursos?*

François Morel

O ponto de partida deste trabalho se inscreve na teoria dos discursos de Lacan[1]. Ele parte do princípio freudiano de equivalência de estruturas entre psicologia individual e coletiva apresentada nos primeiros parágrafos de *Psicologia das massas e análise do eu*[2]. Com base nos princípios de equivalência e de generalização, pode-se pensar, à luz de Lacan, e principalmente de sua teoria dos discursos, que *todos os discursos coletivos atravessam os sujeitos humanos e se inscrevem em suas palavras, em seus atos e na clínica.*

Admitida essa hipótese, podemos perguntar que lugar a articulação ou os efeitos de gozo desse discurso ocupam na clínica analítica. Ao falar aqui da histeria e da anorexia mental, levanto a questão da articulação entre os discursos histérico e capitalista, tomando como guia o caso clínico de um sujeito que entra em análise.

histeria e anorexia

A histeria, como assinala Therèse Lampérière[3], jamais teve uma definição muito precisa. Freud descobriu a natureza inconsciente dos problemas que a caracterizam e formulou as teorias etiológicas (trauma, sedução) e os mecanismos fundamentais do inconsciente que conduziram à descoberta da psicanálise, em particular, a questão da sexualidade.

Lacan deixou diversas indicações sobre a clínica analítica da histeria. A histeria se caracteriza, sucessivamente, pelo fato de ser uma questão simbólica: "o que é uma mulher?"[4]. Depois – não farei uma lista extensa –, ele dá estrutura à questão do desejo histérico no seminário sobre as formações do inconsciente, no qual indica as particularidades que a distinguem da obsessão no grafo do desejo[5]. A histeria é abordada sob o ângulo da fantasia no seminário sobre a transferência[6], no qual, ao suportar o agalma por seu brilho fálico imaginário, endereça-se ao Outro em uma relação de completude-descompletude, conforme o matema:

$$\frac{a}{-\varphi} \diamond A$$

* Trabalho realizado com base em comunicação feita na Jornada Nacional dos Colégios Clínicos do Campo Lacaniano. 2002, março; Rennes, França.

[1] Duas referências essenciais de Lacan: *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70) e Do discurso psicanalítico (1972), proferido na Universidade de Milão em 12 de maio de 1972.

[2] "A oposição entre a psicologia individual e a psicologia social, ou coletiva, que, à primeira vista, pode parecer muito profunda, perde muito de sua acuidade quando a examinamos mais de perto". Cf. Freud. Psychologie des foules et analyse du moi (1921)

[3] "A definição da histeria, dizia C. E. Lasègue (1878), nunca foi dada e jamais o será. Os sintomas não são suficientemente constantes, nem conformes, nem iguais em duração e intensidade para que um mesmo tipo de descrição possa abranger todos". Cf. Lampérière (2003)

[4] Lacan. *Le Séminaire, livre III: Les psychoses* (1955-6, p. 181-205).

[5] Cf. Lacan. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-8)., no qual ele constrói o grafo do desejo.

[6] "A definição encontrada para a histeria com relação à fantasia é a / -φ <> A, a metáfora do outro no ponto em que o sujeito se vê castrado, confrontado com o grande Outro". Cf. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (1958-9).

Depois, Lacan propõe uma definição muito estruturada da histeria valendo-se da teoria dos discursos, de acordo com a qual ele indica que o sujeito histérico se dirige ao Mestre para que ele trabalhe e produza um saber. Mas esse saber permanece – é onde o Mestre está castrado – separado da verdade fundada pela falta de ser do sujeito, sendo a escrita na forma do objeto *a*.

$$\frac{\$}{a} \longrightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

O inconveniente da definição da histeria como discurso é que essa estrutura discursiva é válida para o conjunto das neuroses e tende a fazer equivaler a histeria às outras neuroses.

Na teoria do nó borromeano[7], Lacan insiste no recobrimento do simbólico pelo imaginário como forma de inibição, com base na qual somos tentados a ver uma retomada da teoria da conversão somática, em que o simbólico, o conflito inconsciente, inscreve-se no imaginário do corpo.

A anorexia mental nos faz ver problemas diferentes, pois não é reconhecida como uma estrutura clínica isolada[8], e sim considerada pela psiquiatria uma encruzilhada sintomática de numerosas patologias: neuróticos, psicóticos, limítrofes, conforme o sistema de referência utilizado na psicopatologia. Lacan indica um fenômeno de substancialização do simbólico, ao dizer que o anoréxico consome o significante "nada"[9]. Não se trata apenas do simbólico inscrito no corpo, transformado em nada verdadeiro. O simbólico se torna também uma ação, pondo em ato alguma coisa (o nada) que pertence ao domínio simbólico.

Surge, pois, a questão de saber que lugar a anorexia ocupa nas estruturas citadas. Como considerar a anorexia mental quando ela aparece em um sujeito que supomos ser um histérico, quer se trate de histeria no sentido estrito da tradição clínica ou de histeria no sentido geral, isto é, da clínica das neuroses unificada pelo discurso histérico?

De fato, a anorexia mental, assim como a bulimia, é uma mancha particular na clínica, que freqüentemente chega a ocupar amplamente o campo clínico. E se caracteriza também por uma grande dificuldade na condução da cura, em que, para dizer a verdade, o sucesso parece problemático. É muito difícil de ser mobilizada pela lógica discursiva do inconsciente e dá a impressão de ser movida por uma dinâmica diferente da dinâmica dos sintomas de conversão ou de outros relativos às neuroses.

[7] "Eu diria que a inibição, como o próprio Freud a articula, é sempre um caso do corpo, ou seja, de função". E, para indicá-la nesse esquema, eu diria que a inibição é aquilo em que alguma parte pára de se intrometer, digamos assim, numa figura que é a figura de um furo, furo do simbólico. Cf. Lacan. *O Seminário, livro 22: RSI* (1974-5, aulas de 10 e 17 de dezembro de 1974)

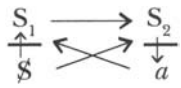
[8] Em geral, é definida por associação, de um lado, a uma perda de peso de mais de 10% devido a uma conduta de restrição alimentar; de outro, a uma amenorréia de mais de seis meses.

[9] Encontramos constantemente essa interpretação ao longo do ensino de Lacan, como em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-7, aula de 27 de fevereiro de 1957): "isso significa comer nada. Nada é precisamente alguma coisa que existe no plano simbólico". Também na aula de 9 de abril de 1974, em *O Seminário, livro XXI: les non-dupes errent*: "[...] sobre a anorexia mental, já ilustrei que se faz enunciar por esta ação, pois uma ação enuncia: 'eu como nada'".

Em um artigo que me chamou muito a atenção, publicado em *El Calderon* da EOL, em 1996, por ocasião da Jornada Internacional do Campo freudiano As novas formas do sintoma, Patrício Alvarez levantou a hipótese de que certos sintomas ditos modernos, surgidos mais ou menos com o século XX e caracterizados por sua resistência à dinâmica da cura analítica, não poderiam ser ligados à abordagem interpretativa analítica clássica, cuja eficiência pareceria muito limitada, e sim às novas formas de discursividade, principalmente a que Lacan chamou de discurso capitalista e que se origina de uma modificação do discurso do inconsciente ou discurso do mestre[10].

[10] A articulação do inconsciente se funda sobre a articulação significante S_1-S_2, situada na parte superior do discurso do mestre.

discurso do Mestre



S_1 : o dinheiro, na posição de mestre que ordena as mudanças
S_2 : o trabalho, que gerou o valor do uso, mas, por estar referido ao padrão-dinheiro, tem valor de troca diferente do valor de uso gerado.
a : mais-valia.

Lacan e o discurso capitalista

Para Lacan, o discurso capitalista se origina do discurso do Mestre:

- o fato de que o trabalho produz um fruto, o fruto do trabalho, que tem um valor de uso;
- se o fruto do trabalho tem a possibilidade de entrar no circuito das trocas, isto é, pode ser trocado no mercado, produz um outro valor, que é o valor de troca;
- esse valor de troca, pela diferença produzida no valor de uso, gera a mais-valia, que se torna o motor fundamental da economia de mercado;
- para que isso seja possível, é preciso que o trabalho encontre um referente dentro de um sistema de valores generalizado, um padrão que dê uma equivalência quantificável aos produtos do trabalho que se trocam. Esse padrão é o dinheiro, colocado na posição de mestre, S_1. Esse

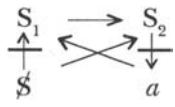
padrão, essa nova referência introduzida no trabalho humano, articula-se com o valor de uso, S_2, e o transforma em valor de troca, produzindo a mais-valia (*a*).

Assim, não é de surpreender que o dinheiro receba nomes de mestres como "Soberano", "Luís", "Napoleão" etc. Em suma, o dinheiro (S_1), por sua articulação com o trabalho gerador do valor de uso (S_2), introduz esse valor no circuito das trocas, ou seja, lhe dá um valor de troca, e assim produz a mais-valia. A triste verdade é que o trabalhador ($) fica privado dessa mais-valia (*a*), o que o leva a se tornar um proletário, pelo fato de o fruto de seu trabalho (S_2) se encontrar alienado no sistema de trocas.

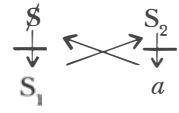
Para retomar brevemente essa questão, notemos que Lacan, no seminário *O avesso da psicanálise* e no seguinte, parece assimilar inicialmente a estrutura do discurso capitalista à do discurso universitário, que decorreria de uma transformação do discurso do mestre. Nesse discurso, a articulação do trabalho (S_2) com a noção da mais-valia (*a*), tendo como referência verídica de garantia o dinheiro (S_1), produz a classe social do trabalhador ou proletário ($), que aparece como o explorado, o excluído desse sistema de trocas. Esse discurso mostra a barreira que separa o proletário do circuito de trocas. Discordar, questionar essa barreira é o princípio da revolução que abre para a circulação dos demais discursos. Esse discurso, chamado por Lacan de discurso universitário, é o que mostra a função da mais-valia inventada por Marx em sua articulação com o trabalho S_2, aparecendo sobretudo como discurso da teoria, e não do funcionamento, do capitalismo.

Em uma conferência em Milão, proferida em dezembro de 1972 e intitulada *Do discurso analítico*, Lacan apresentou o matema do discurso capitalista. Esse matema contrasta com a dinâmica permutativa gerada pela teoria dos quatro discursos. Ele indica que a transformação do discurso do Mestre no discurso capitalista se dá pela intervenção das posições do sujeito e do mestre no discurso do mestre.

Discurso do Mestre



Discurso do Capitalismo



Uma particularidade essencial de sua dinâmica é não encontrar barreira alguma, especialmente a barreira existente em todos os outros discursos entre o lugar da verdade e o da produção. Pode-se observar isso na comparação entre o trajeto e o término das flechas do Discurso do Capitalista e do Discurso do Mestre. No discurso do Mestre, todas as flechas levam ao Mestre, que permanece como a referência. No discurso do Capitalista, as flechas fazem um "oito" invertido sem fim, sem ponto final. Abaixo, resumo as citações de Lacan feitas durante essa conferência a respeito desse tópico:

> [...] a crise, não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é seu substituto, é aberta[...] o discurso capitalista [...]é algo de loucamente astucioso [...]mas destinado a arrebentar [...]insustentável[...] em um truque que eu poderia lhes explicar[...] porque o discurso capitalista está aí, vocês o vêem[...] uma inversão pequenina, simplesmente entre o S_1 e o $\$$ [...]que é o sujeito[...] isso basta para que se movimente como se estivesse sobre rodízios, não pode andar melhor, mas justamente corre rápido demais, se consume tanto quanto se consome. Agora vocês estão por dentro[...] há pouca chance de o que quer que isso seja se passar seriamente no fio do discurso analítico, a não ser, bem, por acaso.

No discurso capitalista (é preciso atentar para a circulação das flechas no esquema acima), o sujeito passa por sua verdade pulsional S_1, que, pelo comando que impõe ao saber S_2, conduz à produção do objeto *a*, que retorna ao sujeito. O S_1 na posição da verdade parece indicar que a verdade não se sustenta mais na articulação significante, e sim no efeito do significante sozinho, isolado de seus efeitos de representação, ou seja, a letra. A articulação S_1–S_2 produzida nessa modalidade de discurso não é uma articulação significante (pois vemos S_1 e S_2 articulados por uma flecha no discurso do mestre), mas sim o efeito da articulação das letras no real. O gozo passa para algo diferente da articulação significante: passa para a contabilidade. A produção do objeto *a* faz um retorno sobre o sujeito, que não mais está separado do objeto *a*. A barreira da castração – que separava o sujeito $\$$ do objeto *a* no discurso do Mestre –, não mais está presente. Isso porque o sujeito está preso a um comportamento, o comportamento do consumo que o conso-

me, sem que ele possa instaurar um limite, um ponto final nesse discurso que pudesse levá-lo a se inscrever em outros discursos. O limite seria "arrebentar", como Lacan indica, isto é, um efeito mortífero produzido no real, que pode interromper o circuito sem fim desse discurso.

O sujeito não está separado de seu objeto, como no discurso do Mestre ou discurso do inconsciente, no qual a articulação significante S_1–S_2 produz o objeto *a*, que atribui ao significante mestre S_1 o gozo-a-mais (*a*) e deixa o sujeito separado do objeto *a*, que é a barreira da castração.

retorno sobre a anorexia

Essa troca de discursos, a passagem do discurso do Mestre ou discurso do inconsciente ao discurso capitalista, em que o indivíduo se traduz pela aplicação do consumo, pode dar conta do fenômeno anoréxico e da dificuldade do ato analítico nos casos em que a anorexia toma a frente da cena clínica?

Creio que sim, devido ao caso de uma jovem em análise que, tendo sido atendida anteriormente durante quatro anos por um de nossos colegas em Marselha, procurou-me três anos depois.

Durante as sessões, esse sujeito trazia um conteúdo muito rico no plano simbólico. A julgar pelos significantes de seu discurso na dialética discursiva, parecia totalmente histérica. Interpretava seu sintoma anoréxico como um meio de manter a atenção do pai, descrito como um homem que não demonstrava muito seus movimentos afetivos em relação a ela. Ela me trazia a descrição de um obsessivo, que não demonstrava facilmente seu desejo, nem se exprimia em palavras sentimentais ou manifestações físicas da afeição que pudesse ter por ela. Na verdade, em sua adolescência teria havido uma mudança profunda na situação. Na eclosão de sua puberdade, concomitante à separação de seus pais, esse pai adotou uma marcada distância física a seu respeito, ao passo que, anteriormente, ele se conduzia, nas palavras dela, como um pai que a mimava[11], em uma relação caracterizada por forte proximidade física e numerosas palavras que demonstravam grande afeição e admiração. No ambiente familiar, esse par composto por pai e filha era chamado de "os inseparáveis". É surpreendente, nesse contexto, a referência aos casais de pássaros chamados de "inseparáveis", pois diz-se que sua separação leva à morte.

A partir dessa ocasião, sob o olhar do pai, sempre estigmatizado como silencioso, inclusive com uma presença muda

[11] No original: *papa-gâteau*, que em tradução literal seria "papai-bolo" ou "papai-doce". (N.T.)

em seus sonhos, ela começou a produzir duas grandes séries de *acting outs* em duas esferas: alimentar e sexual. A anorexia se conjugava com uma sobreconsumação sexual que beirava o obsceno, em que ela gritava de gozo durante encontros sexuais na casa em que morava com a família, como também os multiplicava, correndo riscos etc. A anorexia aparecia de maneira cada vez mais acentuada, resultando em internações para tratamento que, ao buscar uma eficácia na recuperação de sua saúde em cada um desses momentos, eram marcadas por sucessivas reincidências, sempre que ela se encontrava no limite da fraqueza. Ela observou que isso acontecia nos momentos em que se via em uma situação desesperadora, quando seu pai se manifestava, principalmente por meio de cartas, revelando sua afeição por ela. Logo em seguida ao restabelecimento, todavia, ela tinha a impressão de que era como se nada tivesse acontecido. Seu pai voltava ao silêncio e ao distanciamento. "Meu pai me escrevia cartas em que me participava de seu sofrimento, mas quando eu saía, era de novo um muro, ele voltava a ficar em silêncio".

Desde sua primeira passagem ao ato sexual, quando, numa espécie de fuga ao hotel onde seu pai a levava em férias, ela se fez deflorar por um rapaz bem mais velho, tornou-se sensível à ausência de reações aparentes de seu pai. Segundo ela, essa ausência de reações a levou a uma escalada na via da "depravação", a qual, 15 anos depois, exibe tanto na cena familiar quanto na análise. Ela sublinha repetidas vezes o caráter impensado de sua conduta: "Eu ficava totalmente cega com minhas saídas, com os caras, eu era uma fúria[...], era uma competição da lei física entre os caras e minha ostentação, não me interessava por nada além daquilo[...] a impressão de ser um corpo e um sexo, não ser mais um espírito[...] hospitalizada, o objetivo principal era a sobrevivência[...] na saída, as mesmas circunstâncias, na minha cara, e eu mergulhava de novo".

A anorexia mental passava por um sistema complexo e muito elaborado. Tratava-se de eliminar toda a gordura, que ela não podia suportar e que associava a uma feminilidade insuportável, levando-a ao que poderíamos chamar de uma falicização do corpo, uma significação que não era inconsciente e que, justamente por ter aflorado, não induzia a uma mudança de atitude. Ela queria ter o ventre absolutamente plano, assim como queria que a imagem de seus músculos abdominais fosse claramente definida para fazer aparecer o "tablete de chocolate". Tablete de chocolate do qual ela se privava para que ele aparecesse na forma do corpo. Em suas escolhas de

parceiros, dava preferência aos que tinham esse famoso tablete de chocolate inscrito nos ideais da forma do corpo masculino na sociedade moderna.

Para produzir a anorexia, ela se valia de diversos conhecimentos de dietéticos, consultava praticamente toda semana uma dieticista, e dispunha de uma balança eletrônica muito precisa, que acusava as menores variações de peso.

Quando se permitia comer, escolhia os alimentos que mais engordavam, como lanches no McDonald, pratos do Père Dodu (escalope *cordon bleu*, empanado com queijo e presunto), que consumia com grande prazer, seguidos rapidamente pela sensação de que a parte física ou mental não estavam limpas, uma sensação de peso, de erro, de culpa.

Ela dava a impressão de pôr em ato uma pulsão oral primitiva que comandava a obtenção de significantes parentais substancializados, os quais, em vez de se inscreverem na dialética do inconsciente, insistiam sob a forma de repetição do ato. Sua fala era cheia de "metáforas", de termos, entre aspas, "alimentares", em que não havia uma rejeição do gozo em favor da força do significante, produzindo-se justamente a operação inversa. O significante era substancializado e convertido em gozo, em uma operação marcada pela repetição, pela contabilidade. Assim, consumia o Père Dodu e se consumia na substancialização do "nada" da castração que, para passar do simbólico ao real, traduzia-se pela carne a menos. Esse "nada" da relação com o pai, instaurado para ela durante a adolescência, era recusado nesse momento, porém significado em sua fala: "Tenho a impressão de que, em algum lugar, me mimaram demais, sempre atenderam às minhas necessidades antes que eu pedisse, e precisei ficar na merda para poder me dar conta disso. Como nunca me faltou nada, é preciso que me prive para ver o que é esse nada".

Podemos acompanhar Lacan quando, a propósito do caso do homem dos miolos frescos de Kris, menciona a anorexia mental, o consumo de um "nada", da substancialização, no *acting out*, de um objeto simbólico que não encontrou seu lugar na direção da cura do paciente relatado por Kris.[12]

[12] Ver o comentário de Lacan sobre uma cura analítica mencionada por Kris em Lacan. La direction de la cure e les príncipes de son pouvoir (1958).

O "nada" é um objeto que tem valor simbólico, procede da falta do Outro em que o sujeito se insere. Na anorexia, todavia, esse "nada" deixa de ser "nada" e se torna um objeto de consumo comandado pela pulsão oral.

Retomando o termo "consumo", parece-me que se esse termo remete à pulsão oral, remete também à dinâmica do

discurso capitalista, pois se no discurso do Mestre a articulação S_1–S_2 produz o objeto *a*, ao qual o sujeito refere sua substância sem poder atingi-lo, no discurso capitalista a articulação S_1–S_2 não é mais uma articulação significante, posto que a pulsão comanda diretamente o saber como meio de gozo e produz o objeto *a*, que retorna ao sujeito. O acúmulo dos objetos produzidos por esse discurso não encontra limites, o que levou Lacan a dizer que esse discurso era "cansativo". Trata-se de um objeto "nada" realmente "nada", como na anorexia, ou um objeto que, sendo nada, é um objeto de consumo na bulimia ou a transformação do sujeito falante em consumidor.

A última citação sobre o nada dessa analisante é muito problemática. De fato, ela retomou quase textualmente o ponto alto das considerações lacanianas sobre a dinâmica inconsciente da anorexia. Ora, tratava-se de uma pessoa inteligente, culta, que, apesar de não ter estudado, penetrou no burburinho intelectual da anorexia em uma esfera muito próxima da analítica. Pergunto-me, então, por que ela me dizia isso? Como eu deveria entender? Tratava-se de um invólucro ou ela me empanturrava e se empanturrava com suas palavras na dinâmica da consumação anoréxica? Ou existiria ali o germe de uma fala que, por perlaboração, poderia levar o sujeito a remeter esse nada a um lugar de onde ele vem, ou seja, ao simbólico? Qual seria o lugar do saber que essa paciente trazia? O saber estaria na posição da verdade, considerada por Lacan a estrutura da interpretação, ou seria um saber como meio de gozo no circuito do consumo, em que o saber analítico também se consome, e também a consumia, e ela também poderia arrebentar?

Parece-me que a diferença que poderia ser feita pelo ato analítico nesse caso se inscreve nessa posição do saber, e não em seu enunciado, sem esquecer a posição de Freud diante do sonho da jovem homossexual e a crítica de Lacan quanto à interpretação freudiana do sonho como embuste nesse nível.

Para concluir, nessa declinação entre histeria e anorexia mental, convém evitar uma generalização. Talvez nem toda anorexia mental seja derivada dessa modalidade discursiva, e, evidentemente, o método de "cada caso é um caso" permanece totalmente em vigor.

TRADUÇÃO
Angela Lobo de Andrade

REVISÃO
Ângela Mucida
Dominique Fingermann

referências bibliográficas

FREUD. Sigmund. (1921). Psychologie des foules et analyse du moi. In: *Essais de psychanalyse.* Paris: Payot,1981.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre III: Les psychoses* (1955-1956). Paris: Seuil, 1981.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre V: Les formations de l'inconscient* (1957-1958). Paris: Seuil, 1998.

LACAN, Jacques. (1958). La direction de la cure et les principes de son pouvoir . In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre VIII: Le transfert* (1960-1961). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XVII: L'Envers de la psychanalyse* (1969-1970). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. (1974-5). Le Séminaire: R.S.I. *Ornicar?* Paris, n. 2, 3, 4 e 5, 1975.

LAMPÉRIÉRE, Thérese. La définition de l'hystérie, disait C. E. Lasègue (1878). In: *Encyclopedia universalis,* 9ème édition electronique, 2003.

resumo

Tomando como base a teoria dos discursos de Lacan, notadamente a idéia de que todos os discursos – formas de tratar o real – têm efeitos sobre os sujeitos, atravessam suas falas e seus atos, o texto aborda os efeitos de gozo desses discursos na discussão de um caso clínico. Interroga-se ainda, à luz da noção de anorexia, a articulação entre discurso da histeria e discurso capitalista.

abstract

From the theory of the of Lacan's speech, specially related to the idea that all the speeches – ways to treat the Real – have effects on the subject, crosses his words and acts, the text approaches the effect of enjoyment of these speeches having as reference a clinical case. The joint between speech of hysteria and capitalistic speech of Lacan is also questioned.

palavras-chave

discurso do mestre, discurso capitalista, histeria, anorexia mental

keywords

master speech, capitalistic speech, hysteria, mental anorexia

recebido

27/02/2005

aprovado

27/04/2005